

## **Homossexualidade e Envelhecimento:** Algumas reflexões no campo da experiência

**Murilo Peixoto da Mota**<sup>1</sup>

**Resumo:** Este ensaio buscar ampliar algumas reflexões sobre homossexualidade e envelhecimento. Esta abordagem contextualiza o mundo *heterossexista*, que hipervaloriza altivez, atividade, produtividade e define certo padrão de beleza corporal baseado na representação de ser jovem. As novas possibilidades sócio-políticas para o idoso conquistadas a partir das emergentes lutas dos aposentados possibilitaram a criação de espaços de sociabilidade e outro lugar na sociedade fora da casa da família, do recinto do lar ou reduto do asilo. Mas esse indivíduo ainda está sob o crivo da generalidade que não leva em conta as suas particularidades subjetivas e sua agência no âmbito sexual. Mesmo nesta nova representação do idoso na vida social contemporânea tem-se uma conotação universalizante e generalizadora, determinada pela idade ou pela identidade social de aposentado circunscrito à moral heterossexual. De todo modo, podemos indagar sobre o fato de que, sendo a heterossexualidade a norma cultural hegemônica, o que dizer sobre os idosos com práticas homossexuais? Este ensaio busca refletir sobre o obscuro debate que envolve homossexualidade e envelhecimento com o propósito de contribuir para ampliar a discussão sobre o tema.

### **Introdução**

Este artigo busca estabelecer algumas reflexões sobre homossexualidade masculina e algumas questões relacionadas ao processo de envelhecer. Tomo como destaque o fato de que nos últimos anos o estudo<sup>2</sup> sobre velhice no Brasil tem ganhado amplitude nas ciências sociais. Contudo, pesquisas sobre a homossexualidade e o envelhecimento no âmbito das experiências cotidianas são ainda incipientes, aspecto que revela certo silêncio a respeito da extensão e complexidade que envolve o tema.

Está em questão o âmbito das relações de indivíduos em processo de envelhecimento. Esta abordagem contextualiza o mundo *heterossexista*, que

---

<sup>1</sup> Murilo Peixoto da Mota é sociólogo e doutorando da Escola de Serviço Social da UFRJ.

<sup>2</sup> Em destaque os estudos de Peixoto (2000), Barros (2006), Debert (2004) e Alves (2004).

hipervaloriza a altevez e define certo padrão de beleza corporal baseado na representação de ser jovem.

Parto da premissa de que o social e o individual estão articulados, e neste sentido esta discussão focaliza as mudanças e variações em torno de sentimentos e significados sobre a homossexualidade de um contingente de indivíduos que conheceram e passaram por momentos determinantes da história que influenciaram mudanças e novos estilos de vida no contexto das experiências homossexuais. Alguns destes recortes podem ser exemplificados. Refiro-me às décadas as quais tiveram destaques históricos que culminaram na possibilidade de melhor aceitação social e visibilidade de um estilo de vida gay, tais como: o emergente movimento feminista a partir da década de 1960; o movimento político e cultural na luta contra as décadas mais opressoras no contexto da ditadura militar nos anos 70; o impacto da epidemia de HIV/Aids denominada como “peste gay”, nos anos 80; e o movimento LGBT<sup>3</sup> com a Paradas Gays, que expõe publicamente a luta por direitos sociais e civis numa grande festa que faz a diferença no roteiro cultural das cidades brasileiras.

Pode-se considerar que analisar o âmbito da vida de homens idosos homossexuais apontam para particularidades que têm sido pouco abordadas do ponto de vista histórico, político e cultural. Neste sentido chamo atenção para a problematização da velhice como variável de mudanças e inovações culturais no mundo moderno, no qual o indivíduo idoso é agente constituidor de novos estilos de vida. Mas ao que parece, os indivíduos idosos envolvidos na prática da homossexualidade estão, *grosso modo*, marcados pelo silêncio e duplo estigma, que pesa sobre a idade e sobre a sexualidade em desvio; como afirma Becker (1977, 2008), seu rótulo foi aplicado com tanto sucesso, que passa a organizar sua identidade social. Além disso, se por um lado a sexualidade na velhice se mostra pela representação de ternura e carinho, por outro, no âmbito da homossexualidade, está crivada pelos estereótipos do tipo

---

<sup>3</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros.

“bicha velha” ou “coroa assanhado”. Esta problemática contextualiza a análise simbólica sobre o corpo quando visto em seu processo etário, cronológico, rumo ao envelhecimento, como se o caminho da degeneração da aparência física excluísse o erotismo e a perda da atratividade.

As novas possibilidades sócio-políticas para o idoso conquistadas a partir das emergentes lutas dos aposentados possibilitaram a criação de espaços de sociabilidade e outro lugar na sociedade fora da casa da família, do recinto do lar ou reduto do asilo. Mas esse indivíduo ainda está sob o crivo da generalidade que não leva em conta as suas particularidades subjetivas e por que não dizer identitárias. Assim, mesmo nesta nova representação do idoso na vida social contemporânea tem-se uma conotação universalizante e generalizadora, determinada pela idade ou pela identidade social de aposentado circunscrito à moral heterossexual. De todo modo, podemos indagar sobre o fato de que, sendo a heterossexualidade a norma cultural hegemônica, o que dizer sobre os idosos com práticas homossexuais?

A sexualidade dos idosos, apesar do processo cultural que envolve simbolicamente preconceito e exclusão, ganhou as páginas dos jornais<sup>4</sup> a partir da notoriedade dos recentes dados sobre a epidemia de HIV/Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis (DST) no Brasil. Segundo Pottes (*at. alli.*, 2007), com a disponibilidade de medicamentos estimulantes sexuais, principalmente com o advento do *Viagra*<sup>5</sup>, que melhorou o desempenho sexual de muitos homens, os idosos sentiram-se mais seguros nas investidas sexuais. Em consequência assistiu-se ao aumento gradual no número de casos de DST/Aids, em ambos os sexos, de indivíduos acima de 50 anos. Tal fato demonstra o quanto há falhas nas campanhas educativas que promovem a

---

<sup>4</sup> Folha de São Paulo, em 21/03/2004, anunciou: “*Após Viagra, Aids tem explosão entre mais velhos*”.

<sup>5</sup> *Sildenafil/Viagra* foi fabricado pela empresa PFIZER. Esse medicamento tornou-se disponível recentemente em todo o mundo, transformando-se rapidamente em um fenômeno mercadológico, cultural, médico e econômico, que marcaria definitivamente o comportamento sexual na atualidade. Trata-se de um tablete tomado em forma oral, cerca de 30 minutos à uma hora antes do ato sexual. (fonte: <http://www.prosex.org.br/viagra.html>).

prevenção e o uso do preservativo, além da negligência quanto ao reconhecimento da evidente prática sexual na terceira idade.

O que dizer quando olhamos para determinadas especificidades e diferenciações menos homogeneizantes, como os indivíduos homens, velhos, com práticas homossexuais? Motivado pelo amplo contexto no qual se situa o debate sobre a sexualidade e sua influência nas mudanças sociais ocorridas no Brasil, o presente artigo está determinado a considerar o argumento de que a sexualidade é construída historicamente. Nesta perspectiva, indago qual o lugar social dos velhos com práticas homossexuais nessa sociedade marcada pela ótica da vida jovem, pelo valor do individualismo, pelas políticas sociais mediadas pelo *heterossexismo* e pelo padrão de família que desvaloriza e renega a homossexualidade?

Este ensaio busca refletir sobre o obscuro debate que envolve homossexualidade e envelhecimento com o propósito de contribuir para ampliar a discussão sobre o tema.

### **1. Homossexualidade e envelhecimento no campo da experiência.**

A experiência sexual no mundo contemporâneo passou a ganhar maior visibilidade e exterioridade a partir de novos parâmetros de sociabilidade em contexto de identidades múltiplas. No âmbito da prática homossexual masculina percebe-se uma surpreendente e considerável adaptação, ao se estabelecer linguagens muito peculiares e estilos de vida próprios, cujas lutas pelo reconhecimento do direito à diferença evidencia a força de um movimento social organizado, que têm envolvido toda a sociedade.

A homossexualidade masculina, percebida como sendo o estereótipo do sexo oposto (feminino/mulher) baseado no sistema hierárquico de gênero, e o sistema médico-científico, que classifica arbitrariamente as práticas sexuais, têm sofrido transformações, possibilitando perceber um novo processo de

visibilidade das homossexualidades identitárias, principalmente no Brasil. De todo modo, há que se considerar um outro lugar social para o indivíduo homossexual, apesar do longo caminho ainda por percorrer na luta por reconhecimento, direitos sociais e civis (MOTA, 2008).

Weeks (1983), ao refletir sobre a homossexualidade dos velhos, destaca que há poucas pesquisas teóricas e informações empíricas sobre o processo de envelhecer. Para esse autor o envelhecimento enquanto experiência deve ser percebido a partir de suas particularidades e reconhecer que

...ainda é um pouco surpreendente que se saiba tão pouco sobre os problemas enfrentados pelos homossexuais mais velhos, pois esses supostos problemas têm assomado tanto nas atitudes sociais convencionais perante a homossexualidade quanto na mitologia do próprio mundo gay. Por exemplo, há um sentimento amplamente difundido de que a cena comercial gay e também a cena gay mais politizada são muito orientadas para a juventude, valorizando muito a aparência jovem e bela, a riqueza, o hedonismo complacente e o sucesso medido através do índice de conquistas sexuais casuais. O caráter transitório de muitos encontros sexuais, por sua vez, alimenta o medo da solidão na velhice (WEEKS, 1983:238).

A análise das trajetórias de vida de homens homossexuais a experiência do envelhecimento deverá começar por desmistificar o campo simbólico no qual a velhice está inserida. Destaca-se a isso que a velhice é um fato cultural, historicamente condicionado a inúmeras especulações sobre o lugar da sexualidade em seu processo.

Os estudos sócio-antropológicos sobre sexualidade e velhice têm possibilitado novas reflexões. As biografias, trajetórias afetivas, experiências cotidianas se diversificaram e se fragmentaram no contexto da modernidade. O período em que os sujeitos permanecem ativos e produtivos aumentou, há evidente prolongamento da atividade sexual em idades mais avançadas. Ademais, a hipótese do velho solitário e decadente nem sempre representa o cenário real,

pois o indivíduo encontra-se em contextos de experiências muito variados, o que os leva a modificar ou adaptar costumes e hábitos.

Uma pesquisa realizada na *Parada LGBT* do Rio de Janeiro constatou um interessante fenômeno etário (CARRATA, 2005). Em 2003 e 2004 houve um aumento significativo de participantes com idades de 40 anos ou mais, em relação ao ano anterior. Os dados revelaram que em 2003, 11,5% dos entrevistados encontravam-se nessa faixa etária, e em 2004, 19,4%. Percebe-se o quanto o valor social atribuído à idade madura tem caminhado com os movimentos sociais. Além disso, este fato explicita que novas relações entre as gerações são constantemente marcadas por mais autonomia, igualdade e interações, mesmo em espaços públicos com grande visibilidade e exposição da sociabilidade e interação sócio-sexual entre homens, como no fenômeno das *Paradas LGBT*.

A maturidade não mais garante o estilo de vida pacato e linear de outrora, fato revelador de uma nova organização do sentido da experiência no curso da vida. Apesar de o processo de envelhecimento ser pouco estudado na perspectiva dos homens homossexuais, não parece evidenciar uma aposentadoria sexual. Os padrões que tanto legitimaram uma conduta sexual amorosa e conjugal, no contexto das gerações, despadronizaram-se e encontram-se menos lineares e menos previsíveis em função da idade. Portanto, quando se fala em homossexualidade na velhice, a visão de todo um processo melancólico e solitário da “bicha velha”, que se envolve sexualmente a partir de trocas de favores ou dinheiro pode ser uma realidade contestável. Mas há que se levar em conta as representações estereotipadas, construídas e alimentadas por certa *homonormatividade*, que coloca a velhice como demérito e impõe certo ideal de “ser gay” apoiado no padrão corporal de juventude, consumo e masculinidade, reproduzindo valores enraizados pela ideologia patriarcal.

Se no âmbito da sociedade heterossexista há uma representação prestigiosa do corpo, com base na representação e ideário de beleza socialmente construída, também se percebe uma construção cultural simbólica que carrega sentidos em torno da idade e sua relação com as experiências sexuais. No contexto da homossexualidade, o corpo velho parece evidenciar uma espécie de pânico produzido pela imagem de deterioração legado pelo mito da velhice, cuja fragilidade e horror são amplamente produzidos no interior das “comunidades” gays, que produzem novos efeitos em torno de certa *homonormatividade* baseada no ideal de juventude e individualismo.

Nesta perspectiva, ao se enfatizar a análise sobre a experiência entre homossexualidade e velhice não basta considerar que tais indivíduos enfrentem uma cultura heterossexista. Há também a normatividade da *cultura gay*. Segundo ressalta Pocahy (2008), a *homonormatividade* é outra forma de exclusão e de manutenção das regulações em torno dos binarismos de gênero e da sexualidade tida como normal, no cruzamento com idade, raça/etnia e classe social. Esse fato também é ressaltando por Benitez (2006), que considera uma utopia a idéia de *cultura gay* como unidade integrada e harmônica, embora considere que haja uma luta política que integra o sentido de *identidade gay* contra a homofobia na sociedade. O que se coloca é que tal cultura também reproduz o sistema de homogeneização e hierarquia que procura anular.

Para Simões (2004), tem-se percebido empiricamente outra face, na qual homens homossexuais se assumem como “coroas” e põem à prova a falsa idéia da velhice como sinônimo de decadência. Esse autor salienta o quanto o “coroa” apresenta-se como personagem de idade indefinida, apesar das marcas do envelhecimento, tais como: os cabelos grisalhos, as rugas de expressão, os movimentos mais lentos.

O “coroa” parece representar certas diferenças e novas atitudes em relação ao tempo e ao envelhecimento e expõem a sua agência no contexto da

experiência homossexual multifacetada, diferindo-se do estereótipo do que é ser maduro, idoso ou velho, apesar de estar longe do clichê do corpo jovem. O que se percebe são variadas combinações e passagens que questionam e põem em xeque os tipos generalizantes da “bicha velha”, de cabelo colorido *acaju*, com poucos vínculos sociais em oposição ao “coroa” viscoso, com o charme dos cabelos grisalhos, demonstrando disposição e sensualidade.

De fato, novas representações entram em cena na contemporaneidade, e o prolongamento da vida sexual nas idades mais avançadas assinala uma das facetas nas mudanças de vida dos indivíduos e suas experiências. Seria um dos impactos da ampliação da expectativa de vida ou uma consequência da possibilidade de os mais velhos gozarem de formas de lazer mais autônomas para além do circuito do lar familiar? Há que se levar em conta as marcas de gênero, os diferentes aspectos de classe, etnia e as representações sociais do corpo no contexto das trajetórias com as relações homossexuais.

Há um desafio pragmático já colocado, apontar para contrapontos que podem derrubar o mito do indivíduo com práticas homossexuais como aquele com família deteriorada, imerso na solidão, no silêncio e no abandono.

O que se percebe de modo geral é que a experiência sexual no mundo contemporâneo passou a ganhar maior visibilidade e exterioridade a partir de novos parâmetros de sociabilidade em contexto de identidades múltiplas. No âmbito da prática homossexual masculina há uma surpreendente e considerável adaptação, ao se estabelecer linguagens muito peculiares e estilos de vida próprios, cujas lutas pelo reconhecimento do direito à diferença evidenciam a força de um movimento social organizado, que têm envolvido toda a sociedade (MOTA, 2008). De todo modo, há que se considerar um outro lugar social para o indivíduo homossexual, apesar do longo caminho ainda por percorrer na luta por direitos sociais e civis, principalmente quando se inclui novas problematizações tal qual o processo de envelhecer.



A conjuntura das políticas públicas voltadas para a velhice brasileira tem demonstrado avanços na legislação com o advento do Estatuto do Idoso. Além disso, novos projetos de lazer, que tanto preenchem o vazio de um estilo de vida de aposentado ocioso, têm possibilitado novos olhares sobre os indivíduos velhos, que em sua agência passam a ser vistos como fonte potencial de consumo (DEBERT, 2004, 2007; SIMÕES, 2007). Neste contexto, o que dizer dos idosos homossexuais?

Tais aspectos agregam novos valores simbólicos e possibilitam encorajar novas experiências e estilos, que contribuem para uma revisão da gestão da velhice no curso da vida e o repensar sobre a sua exclusão no processo de construção social no âmbito das gerações. Destaca-se que a idéia de geração, se opõe à noção de um tempo linear, padronizado e fixado em etapas, tornando-se um campo para amplas possibilidades de experiências. Para Mannheim (1982), uma geração ou grupo etário tem em comum o fato de participarem de situações muito próprias no processo social, a partir de uma gama de experiências historicamente relevantes, e destaca: “o fenômeno social da geração não representa nada mais que um tipo particular de identidade de situação, abrangendo ‘grupos etários’ relacionados, incrustados em um processo histórico-social” (MANNHEIM, 1982:73).

Há muito que dizer sobre as atitudes em relação à velhice. Elas são construídas ao longo da vida a partir das relações que se estabelecem com a experiência direta com os velhos na família. A existência do preconceito e do estereótipo resulta da possibilidade, capacidade produtiva e acesso a bens de consumo dos idosos e sua agência, aspecto que influencia na formação de identidades sociais. Entretanto, como afirma Neri (2007), há que se levar em conta as atitudes de paternidade e práticas excessivas de proteção, pois também contribuem para reafirmar a ausência de capacidade dos idosos, que muitas vezes fortalecem estereótipos e avaliações negativas contra seus interesses.

É no âmbito da experiência que o indivíduo idoso com práticas homossexuais se impõe frente a representações simbólicas que envolvem a experiência do preconceito com maior ou menor intensidade. De todo modo, a noção de experiência se articula a partir de ações sociais heterogêneas, com intensa diversidade, pluralidade de estilos de vida e comportamentos implicados na ação do indivíduo. Neste sentido, a experiência da vida constrói subjetividades (ORTNER, 2005, 2007).

Não há como estabelecer qualquer simplificação do termo experiência, reduzindo-o a uma análise sobre o fundamento do discurso. Scott (1999) restabelece o lugar da análise da experiência na escrita histórica. Para ela a experiência tem possibilitado conotações variadas e traz em seu bojo não só conhecimentos acumulados de eventos passados, mas também um tipo de consciência completa, que inclui o sentimento. O objeto da experiência social é a subjetividade dos indivíduos. Esta perspectiva recusa à ideia de um sujeito totalmente cego, ingênuo à realidade, involuntário em sua ação ou totalmente consciente de si próprio. A análise da experiência considera que o indivíduo é agente capaz de interagir conscientemente sobre a sua relação com o mundo.

Não há ação que não seja interpretada e explicada pelos próprios indivíduos no âmbito da relação social. De fato, mesmo que a experiência seja na maior parte das vezes individual, ela só existe aos olhos de outros que a reconheçam. O que se coloca é que há uma pluralidade das racionalidades da ação que remetem a uma pluralidade de mecanismos implicados pela sociabilidade, pela cultura e por sua vez pelas relações (SCOTT, 1999).

A experiência põe em evidência que não são apenas os indivíduos que estão posicionados em relação uns aos outros; os contextos de interação social também o estão. Neste sentido, a subjetividade é o núcleo constituído da experiência de cultura e história. O domínio básico desta referência não é a experiência do ator individual, mas as práticas sociais ordenadas no espaço e no tempo. Esta linha de reflexão impõe que se leve em conta que o ser

humano é um agente intencional, que tem razões para suas atividades e também está apto, se solicitado, a elaborar discursivamente essas razões, inclusive mentindo a respeito delas (GIDDENS, 2009:03).

É a partir dos amplos aspectos da experiência do indivíduo que se reconhece a capacidade de iniciativa e de escolhas no mundo social, concretizada por meio da linguagem. Portanto, parte-se do pressuposto de que pela experiência torna-se presente uma gama de relações que é preciso analisar como atividade e ação no fluxo da vida cotidiana. No bojo deste entendimento sobre a experiência subjetiva do curso da vida devemos incluir outras categorias como gênero e classe, entendendo que analisar a velhice e o envelhecimento como já acentuou Barros (2004:13) é buscar a relação entre as particularidades das experiências socioculturais e a universalidade da vida em sociedade.

## **2. Experiência, (homo)sexualidade e envelhecimento.**

Pensar a sexualidade enquanto experiência tem possibilitado analisar amplas questões, que transformam a esfera da intimidade e da afetividade, levando-se a pensar os indivíduos em suas múltiplas identidades. O que se percebe nesta virada de milênio é que “as possibilidades se ampliaram, as normas e as trajetórias da vida sexual se diversificaram, os saberes e as encenações da sexualidade se multiplicaram” (BOZON, 2004:43).

Fica evidente que as experiências sexuais tornaram-se um dos aspectos fundamentais para o indivíduo no mundo moderno, cujos domínios não são mais circunscritos a partir da ordem tradicional da reprodução. Ao indivíduo, com suas relações e intimidades pautadas na noção de diferença sexual, não é mais cabível ter a sua sexualidade analisada a partir de referenciais biológicos, tendo como norma a heterossexualidade e a base da família patriarcal. De todo modo, a sexualidade esboça uma vontade de saber capaz de romper com a retórica religiosa sobre a natureza do sexo, a existência de outras experiências,

comportamentos e identidades sexuais, mesmo que ainda sob o crivo binário do modelo hierárquico masculino/feminino.

O emergente debate contemporâneo sobre as categorias gênero e sexualidade tem contribuído para apontar novas reflexões, jogando por terra mitos de justificação sobre o lugar do homem e da mulher na sociedade. A grande perspectiva desse debate consiste acentuar que gênero e sexualidade deixaram de ser compreendidos como estáveis ou permanentes, assim como homens e mulheres não serem mais percebidos ou inseridos numa identidade comum, normal, natural ou universal. Portanto, gênero em seu entendimento mais amplo atravessa a ilusão binária, só podendo ser pensado como construção histórica e social na qual cada cultura define como sendo identidade sexual, papéis sexuais, a idéia de masculinidade e feminilidade. Tomando a cultura brasileira como exemplo, Parker (1991:74) acentua que ser homem não está construído meramente em oposição a ser mulher, mas a partir de sua relação com outros atores e figuras tais como o machão, o corno, a *bicha* ou o *veado*.

Tal aspecto possibilita analisar a amplitude da diversidade e as diferentes práticas e desejos sexuais existentes, que dependendo do contexto assumem conotação de “desvio”, principalmente quando se refere a pratica da homossexualidade. A partir daí todo um conjunto de representações relacionadas a gênero, identidade, papéis sociais e sexuais vem à tona. No caso dos homens, o fato de seu estereótipo está simbolicamente construído pelo que “não” podem ser, ou seja, algo que se associe à mulher, ao feminino e esteja fora da norma da heterossexualidade compulsória, o sentido dado ao estigma demarca amplos espaços para violência e situação de discriminação (PARKER, 1991, 2002; HEIBORN, 1996).

O pensamento de Michel Foucault (1980, 1984) é paradigmático quando se coloca em questão a sexualidade de um ponto de vista que foge do arsenal das ciências biológicas. Sua contribuição possibilitou pensar que a sexualidade tem

precedentes históricos evidentes. O saber sobre o sexo, enfatiza ele, não é dispensado somente a médicos e sexólogos, mas absorvido por todo um aparato de produção de conhecimento. Daí surge um critério de valorização do orgasmo, do gozo não como arte erótica, mas como ciência. O que foi desenvolvido no campo da sexualidade na modernidade é um saber excessivo, não para a intensificação do prazer sexual, mas que foi relegado à clandestinidade. Sua prática passa a ser circunscrita ao quarto do casal, como preceito à reprodução, e para a verdade do indivíduo e sobre o que é seu sexo e a sua sexualidade (FOUCAULT; 2006).

Tomado por sua referência histórica e cultural, o termo homossexualidade evidencia que as classificações biomédicas não correspondem a realidades permanentes fora do contexto histórico e cultural nos quais são definidas (HEILBORN, 1996). Assim, homossexualidade não designa uma realidade em si, mas uma nomeação estabelecida no vocabulário moderno. Segundo Costa (1996:63), pensamos que só sabemos o que é a sexualidade porque somos capazes de mostrar aquilo que corresponde à palavra que utilizamos.

Esta dimensão analítica requer distinções pelas quais classificamos a sexualidade. Primeiro, refere-se ao sexo biológico com sentido anátomo-fisiológico. Segundo, à orientação sexual na qual se constrói a atração erótica de um indivíduo pelo outro, que são por sua vez enquadrados a partir das classificações homossexual, heterossexual ou bissexual. Terceiro, as representações de gênero como referência ao que se convencionou culturalmente ser masculino/feminino, com conotações hierárquicas, relegando maiores poderes ao masculino. Por último, destaca-se o sentido dado ao intercurso da relação ou prática sexual ativa ou passiva (FRY, 1982).

O que se apresenta é a diversidade de possibilidade de vivências da prática homossexual, que interagem em diferentes sistemas de classificação. Tais sistemas, segundo Fry (1982), não são uma natureza ou essência ao indivíduo, mas construções sociais que permitem perceber o quanto às práticas sexuais

têm significados e representações distintas em momentos históricos específicos. Para esse autor, as relações se estabelecem, *grosso modo*, em um contexto hierárquico onde relação sexual se dá entre não iguais, onde ser "homem" é ser o ativo que penetra a "bicha", que é percebida como homossexual concebida como mulher, por ter prática sexual passiva. O que está em jogo é a diferenciação hierárquica do ativo, passivo e a representação de gênero. Em conseqüência se evidencia o quanto à homossexualidade explicita as contradições dos rígidos papéis de gênero no âmbito da hegemonia masculina de uma sociedade altamente heterossexista.

O tema da homossexualidade neste contexto deverá levar em conta as diferenciações analíticas para as práticas eróticas homossexuais, estilos de vidas homossexuais e uso das classificações como nomeação para a auto-identidade no contexto das experiências. Relativiza-se assim o quanto a invenção de um nome, uma palavra correspondente e designatária da definição das relações sexuais contribuiu para legitimar e justificar toda uma literatura que concebe a homossexualidade como essência, desvio e mal social.

Segundo Heilborn (1996), a relação ambígua no processo de construções de si, que muitas vezes passa pelas experiências heterossexuais até chegar à homossexualidade assumida, leva muitos indivíduos ao permanente deslocamento social. Assim, o constrangimento com a homossexualidade em certas situações traduz-se em modos diversos de administrar a identidade sexual no intercurso das redes sociais.

O fenômeno da identidade, tido também como fenômeno cultural, social e histórico, é adquirido como performance, atuação, construção ligada as práticas sexuais, que apontam para determinados estilos de vida e que asseguram ao indivíduo identidades coletivas que estabelecem uma rede de relações sociais e de desejos específicos.

O contexto da prática homossexual parece exigir grande esforço para encobrir a experiência, que inclui a necessidade de minimizar vínculos entre os parceiros, pondo em xeque todo o contexto classificatório denominado homossexualidade. Portanto, a constante negação da experiência homossexual como característica de uma sociedade *heterossexista*, reforça a dicotomia entre sexualidade, afetividade e a busca de relações múltiplas, clandestinas e anônimas, situação na qual o homossexual é condenado a uma gestão complexa de sua vida, muitas vezes dupla, às vezes *desmultiplicada* (POLLAK, 1990).

O pioneirismo da pesquisa de cunho sócio-antropológico que aborda o tema da homossexualidade no Brasil é destinado por Green e Trindade (2005) ao estudo de José Fábio Barbosa da Silva (1958), que já ressaltava o fato de que

...identificar-se como homossexual não significa automaticamente que a pessoa pratica um único tipo de atividade sexual. Ao contrário, alguns homens pareciam atuar confortavelmente num meio social que não era exclusivamente dividido entre aqueles que se identificavam como “ativos” e outros que se viam como “passivos” em suas preferências eróticas (GREEN E TRINDADE, 2005:31).

As conotações representativas do que significa a homossexualidade e sua experiência colocam diante do indivíduo um amplo cenário de representações que variam entre a vida pública e a esfera privada, na qual se experimenta novas identidades. Perlonger (2008) demonstra em sua pesquisa que o trânsito sexual masculino pode avançar em relação ao desejo sexual dirigido a uma pessoa do mesmo sexo, pois abrange, além da prática sexual clandestina, toda uma geografia que desterritorializa os códigos sexuais ditos normais, deixando-se levar justamente pelo que desestabiliza as experiências heterossexuais, nem que para isso se pague pelo serviço sexual.

Na discussão apresentada por Perlonger (2008) tem destaque as variedades eróticas e as diversas possibilidades para os homens que fazem sexo com

homens e suas distintas diferenciações para o que representa o gênero masculino. Assim, o homem mais másculo, com aparência de machão ou mais feminino e delicado ou, em relação à idade, muito jovem, menos jovem ou mais adulto, maduro, “coroa” ou idoso encontram espaços e territórios para o homoerotismo sem que necessariamente essa prática sexual se associe a uma identidade ou classificação.

A análise de que o indivíduo está produzido pela ordem social, que organiza as suas experiências sexuais em dado momento da sua história, aponta para o fato de que ser homossexual explicita certa subordinação a regras, a normas e a leis heterossexistas, que o expõem constrangimento e sentimento de inferioridade, atribuídos pela ordem na qual está inserido. Portanto, o constrangimento social associado à experiência homossexual, obriga o indivíduo a pensar sobre suas ações e escolhas de forma ambígua, ou seja, ele se posiciona entre renunciar ou matizar a homossexualidade, coexistindo com processos flutuantes em relação a ser/estar homossexual (ERIBON, 2008).

A homossexualidade como estigma teve seu auge no contexto da epidemia de HIV/Aids, com conseqüências diretas na sociedade brasileira ao longo de décadas. Com o advento da caracterização da disseminação do vírus entre a população masculina, a incorporação da palavra homossexualidade foi popularizada e evidenciou os discursos dos especialistas em saúde pública (PARKER, 1994, 2002). A epidemia de HIV/Aids ressaltou o preconceito respaldado no discurso médico-científico, mas encontrou um movimento político emergente contra o desrespeito e a violação de direitos elementares à vida.

Com a Aids a questão da homossexualidade se complexificou, servindo de mote para o recrudescimento de preconceitos contra os homossexuais. A própria homossexualidade masculina se transformou num sinônimo de Aids. Esta representação ainda permanece e faz com que, os homossexuais



individualmente, continuam a sofrer com os estigmas e preconceitos decorrentes da associação Aids-homossexualidade (TERTO JR., 2002).

A experiência homossexual tem demonstrado como a transgressão à heterossexualidade compulsória tem colocado a sexualidade em campo próprio da diferenciação, cerne do contexto dinâmico da sociedade. Assim, a Aids surge como divisor de águas nessa progressão à identificação diferenciada, causando processos angustiosos de reavaliação de comportamentos. De todo modo, o vírus e a doença trouxeram para os homossexuais a necessidade de evitar o contágio e a sua propagação, fato que evidenciou emergente movimento social organizado contra o preconceito. A epidemia possibilitou dar visibilidade a estilos de vida homossexuais como forma de manutenção de um modo de ser, pondo à prova valores de tolerância e de liberdades individuais tão caros à sociedade moderna (POLLACK, 1990).

Esta reflexão acentua a necessidade de pesquisas sobre as dimensões eróticas da experiência sexual e seus significados em determinadas práticas sexuais dentro de diferentes contextos sociais e culturais (GAGNON, 2006). Contudo, abre uma série de dilemas metodológicos, pois envolve a análise de algumas áreas privadas da experiência humana. Segundo Parker,

...seria um erro concluir que as dimensões eróticas da experiência sexual estão, portanto, um pouco além do alcance da interpretação e da experiência. Ao contrário, na vida sexual, bem como em qualquer outra área, os significados subjetivos acabam sendo construídos a partir de sistemas culturais intersubjetivos existentes em cenários sociais específicos (1994:143).

Algumas questões se impõem: Como vivem os homossexuais? Como estabelecem as suas experiências sócio-sexuais, conflitos e possibilidades afetivas em suas trajetórias de vida? Tais perguntas apontam para um novo posicionamento, certa redescoberta sobre a sexualidade, pois propiciam olhar para o desenvolvimento social dos indivíduos, percebendo o quanto a

sexualidade influencia na construção de estilos de vida diversos na sociedade contemporânea, principalmente quando se acrescenta nova problematização, tal qual a experiência de envelhecer.

### **3. Subjetividade e envelhecimento.**

Segundo Beauvoir (1990) a velhice pertence aos outros, como se o “eu” não envelhecesse ou como se fosse difícil compreender que os velhos são meus semelhantes. Mas não há como evitar “para cada indivíduo, a velhice acarreta uma degradação que ele teme. A atitude espontânea é a de recusá-la, uma vez que se define pela impotência, pela feiúra, pela doença” (BEAUVOIR, 1990:51).

De fato, o processo de envelhecer faz parte da experiência da vida e apresenta singularidades com dimensões biológicas, históricas e culturais. Contudo, a velhice é uma experiência heterogênea e complexa, mas que muitas vezes considera tão somente os sentidos simbólicos ligados a deterioração do corpo. Mesmo tendo uma ampla caracterização biológica, a velhice é uma experiência de relações que envolvem muitas mudanças, com determinantes sociais e históricas, não podendo ser a idade um marco determinante. Esta deve constituir apenas uma referência ou indicador para políticas públicas, leis de direitos sociais e não ser vista como demarcação que caracteriza o ser velho (ALVES, 2004; DEBERT, 2007).

A velhice tem sido percebida como uma etapa da vida em vertiginosa decadência física, perda da autonomia individual e ausência de possibilidades afetivo-sexuais. Entretanto, esta perspectiva estereotipada está sendo revista, culminando com a legitimação de direitos sociais, numa evidente tendência contemporânea para rever os estigmas que se tornaram legados do envelhecimento. Em consequência, estabeleceu-se novo vocabulário para sua referência, como por exemplo, a invenção da categoria *terceira idade* (DEBERT, 2004).

Na contemporaneidade, a ditadura da juventude pega em cheio os indivíduos velhos, em um mundo no qual o corpo é riqueza almejada e desejada. Segundo Goldenberg (2008), trata-se também de amplo veículo de ascensão social, atrativo erótico, status e poder, um verdadeiro capital social, simbólico e econômico. De todo modo, o corpo encontra-se em amplas instâncias da cultura, fundando identidades e práticas como se fosse mediador privilegiado de comportamentos que interrogam a plasticidade e a expressividade dos gestos, movimentos e imagens do indivíduo, em um frenesi do superinvestimento no corpo principalmente para aqueles que não estão em paz com a experiência de envelhecer. E é em torno do corpo que se encontram saberes e visões acerca da velhice, cujas análises em ciências sociais entremeiam posições naturalistas (ALVES, 2004a).

Nas sociedades contemporâneas não há um padrão único para os modos de vida na velhice, como se adotassem um comportamento fixo a partir da idade. Barros (2006) ressalta que as idades passam a ser compreendidas na contemporaneidade como estilos, que definem fronteiras entre os indivíduos e segmentos sociais. Além disso, idade é referência institucional e jurídica para políticas públicas, trata-se de um mecanismo de separação e classificação entre os indivíduos (DEBERT, 2007). Assim, a idade é um importante fator de organização social, mas como ressalta Bourdieu é preciso considerar

...a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente (BORDIEU, 1983:113).

Um olhar mais integral sobre o indivíduo idoso deixa transparecer que a velhice pode ser o apogeu da vida, com ganhos intelectuais e que independência e autonomia não seguem o que representa a idade. Além disso, aparência física nem sempre permite que seja designada certa cronologia, apontando para o fato de que a dimensão etária e aparência biológica estejam longe de coincidir.

De todo modo, o envelhecimento é um processo relacional marcado pelas condições de moradia, pelas dimensões de gênero, sexualidade, família, religião e classe social (ALVES, 2005; BARROS, 2006, 2007). Tais parâmetros apontam para que a atitude da sociedade para com os velhos seja ambígua, marcada por questões sócio-econômicas.

No mundo contemporâneo, a experiência da aposentadoria geralmente não conta com muitos afagos de solidariedade, apesar de haver circunstâncias nas quais se explora o potencial de consumo em clínicas, casas de repouso e serviços de assistência privados. O que se percebe é que nesta sociedade os velhos são perdedores em seu próprio estatuto de vida. Contudo, a velhice tem ocupado cada vez mais a dinâmica da elaboração de políticas públicas, já que representa parcela significativa da população do ponto de vista demográfico. Mas o processo pelo qual a velhice se transforma e o velho interage em sua agência em torno de expressão e legitimidade é questão que vai além da análise demográfica. De todo modo, ressalta Debert (2004), pensar as mudanças nas imagens de gestão do envelhecimento não é puro reflexo de transformações da estrutura etária da população.

### **Considerações Finais**

As novas possibilidades de análise ocorridas frente às representações simbólicas relacionadas ao ser velho acompanham a criação de outra linguagem que toma como referência a tentativa de substituir a designação de velho aposentado para outras referências. Debert (2004:61) ressalta que o termo terceira idade substitui a velhice, a aposentadoria ativa se opõe à aposentadoria, o asilo passa a ser centro residencial, a ajuda social ganha o nome de gerontologia.

O que se percebe na contemporaneidade é que se amplia a visibilidade das experiências no processo de envelhecimento, particularidades nas quais o indivíduo está cada vez mais implicado e comprometido em seu próprio

processo de envelhecer (ALVES, 2006). De todo modo observa-se transformações de significado da velhice. Assim, novas representações para homens velhos emergem possibilitando novos significados. Neste sentido, pode-se indagar sobre quem é esse “coroa”, maduro, grisalho, idoso, meia-idade, idade do lobo, terceira idade, e quem sabe ainda o de “quarta idade” como maneira de recriar o alargamento das faixas de idade com os mais jovens.

Tais aspectos agregam outros valores simbólicos e possibilitam encorajar novas experiências e estilos, que contribuem para uma revisão da gestão da velhice no curso da vida e o repensar sobre a sua exclusão no processo de construção social no âmbito das gerações.

Há que se relevar o fato de que a existência do preconceito e do estereótipo em relação ao velho sofre influências da possibilidade, capacidade produtiva e acesso a bens de consumo, aspecto que resulta na formação de identidades sociais. Entretanto, as atitudes assistencialistas e práticas excessivas de proteção também contribuem para reafirmar a ausência de capacidade dos idosos como se anulasse sua agência, fortalecendo estereótipos e avaliações negativas contra seus interesses.

Chama a atenção no âmbito das atitudes em relação à velhice o preconceito internalizado pode ser observado sem que os idosos percebam. Os estereótipos que constituem um legado da condição de se ser velho merecem atenção nas investigações de cunho sócio-antropológico, a fim de matizar, as representações ideológicas que dividem jovens e velhos como se colocassem cada um em determinado lugar (NERI, 2007).

Esta discussão impõe uma tarefa desafiadora, principalmente quando se propõe analisar a sexualidade no contexto da velhice e se levar em conta certas experiências relacionadas a práticas sexuais estereotipada, como a homossexual.

## Referências

ALVES, Andréa Moraes. *Algumas reflexões sobre sexo, idade e cor.* Cardeno CRH, Salvador, v.17, n.42, p.357-364, set./dez., 2004.

BARROS, Myriam Lins. *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.* Rio de Janeiro, ed. FGV, 2007.

\_\_\_\_\_. *Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas.* In: Barros, Myriam Lins (Org.). **Família e geração.** Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2006.

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2008.

\_\_\_\_\_. *Uma teoria da ação coletiva.* Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.

BENITEZ, Maria Elvira Diaz. *Além de preto, veado! Etiquetando experiências e sujeitos nos mundos homossexuais.* Revista Sexualidade, Gênero e Sociedade. Ano III, n. 26, dez/2006.

BOURDIEU, Pierre. *Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia.* Petrópolis, Vozes, 2007.

BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade.* Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

CARRARA, Sérgio. *Política, direitos, violência e homossexualidade. Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT – Rio 2004.* Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

COSTA, Jurandir Freire. *O referente da identidade homossexual.* In: Parker, Richard e Barbosa, Regina Maria. **Sexualidades brasileiras.** Rio de Janeiro, Relumé Dumará:ABIA:IMS/UERJ, 1996.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Lins. **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.** Rio de Janeiro, ed. FGV, 2007.

\_\_\_\_\_. *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento.* São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2004.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay.* Rio de Janeiro, Cia de Freud, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política.* Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres.* Rio de Janeiro, Ed. Graal, 5. Ed. 1984.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I: a vontade de saber.* Rio de Janeiro, Ed. Graal, 3. Ed., 1980.

FRY, P. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira.* Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

GAGNON, John H. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade.* Rio de Janeiro, Garamond, 2006.

GREEN, James Naylor; TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos.* São Paulo, Ed. UNESP, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade.* Rio de Janeiro, Record, 2008.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade.* São Paulo, Ed. WMF Martins Fontes, 2009.

HEILBORN; Maria Luiza. *Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade masculina em uma perspectiva relacional.* In: Parker, Richard e Barbosa, Regina Maria. **Sexualidades brasileiras.** Rio de Janeiro, Relumê Dumará:ABIA:IMS/UERJ, 1996.

MANNHEIN, Karl. *Sociologia.* São Paulo, Ática, 1982.

MOTA, Murilo Peixoto. *As diferenças e os “diferentes” na construção da cidadania gay: dilemas para o debate sobre os novos sujeitos de direito.* In: **Natal, Bagoas: Revista de estudos gays/Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, V.1, n.1, jul/dez, PP. 191-210, 2008.

NERI, Anita Liberalesso. *Atitudes e preconceitos em relação a velhice.* In: NERI, Anita Liberalesso (org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativa na terceira idade.** São Paulo, Ed. Fundação Perseu Abramo, Edições SESC-SP, 2007.

ORTNER, Sherry B. *Geertz, subjetividade y conciencia posmoderna.* Revista Etnografías Contemporáneas, UNSAM, ano 1, abril, pp. 25-54, 2005.

\_\_\_\_\_. *Uma atualização da teoria da prática.* In: GROSSI, M.P. et al (orgs.) **25 Reunião Brasileira de Antropologia: conferências e diálogos – saberes e práticas antropológicas.** Blumenau: Nova Letra, 2007.

PARKER, Richard. *Abaixo do equador.* Rio de Janeiro, Record, 2002

\_\_\_\_\_. *Diversidade sexual, análise sexual e a educação sexual sobre a AIDS no Brasil.* In: **AIDS e Sexualidade: O Ponto de Vista das Ciências Humanas** (LOYOLA, Maria A., org.), pp. 141-160, Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UERJ, 1994.

\_\_\_\_\_. *Corpos, Prazeres e Paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo.* São Paulo: Best Seller, 1991.



PERLONGHER, N. *O Negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo.* São Paulo: Brasiliense, 2008.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. *Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro.* São Paulo, Annablume, 2000.

POCAHY, Fernando. *Marcas do poder: o corpo (do) velho-homossexual nas tramas da hetero e homonormatividade.* Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder, Florianópolis, de 25 a 28 de agosto, ST 46, 2008.

POLLAK, Michael. *Os homossexuais e a Aids: sociologia de uma epidemia.* São Paulo, Estação Liberdade, 1990.

SIMÕES, Júlio Assis. *Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais.* In: Psicitelli, Adriana at alli (Org.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras.** Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

\_\_\_\_\_. *“A maior categoria do país”: o aposentado como ator político.* In: BARROS, Myriam Lins. **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.** Rio de Janeiro, ed. FGV, 2007.

SCOTT, Joan. *Experiência: tornando-se visível.* In: SILVA, Alcione Leite at al. **Falas de gênero: teorias, análises, leituras.** Florianópolis, Ed. Mulheres, 1999.

POTTES, Fábica Alexandra at. alli. *Aids e envelhecimento: características dos casos com idade igual ou maior que 50 anos em Pernambuco, de 1990 a 2000.* **Revista Brasileira de Epidemiologia**, 10(3), 338-51, 2007.

TERTO JR., Veriano. *Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/Aids.* Horizontes Antropológicos, vol.8 n<sup>o</sup>.17, Porto Alegre, June-2002.

WEEKS Jeffrey. *Os problemas dos homossexuais mais velhos.* In: HART, John, Richardson, Diane. **Teoria e prática da homossexualidade.** Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1983.